

Mortificação: virtude de privar-se de um bem, por um bem maior!

Prof. Dr. Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia -UFF



Sacrifício Abraão

1. O tema na atualidade: Em razão da equivocada compreensão da virtude da mortificação, cabe aqui uma reflexão filosófica. O equívoco se pauta, às vezes, em preconceitos ou na ignorância. E como todo preconceito deriva de alguma espécie de ignorância, cabe saber o que seja tal virtude para evitar a ignorância. A ignorância pode ser um estado ou um vício. Quando é vício, é hábito de não se dispor a conhecer o que se deve para que se evite um mau juízo e se profane a verdade. A sociedade, segundo a opinião barulhenta de poucos e o silêncio de muitos, vê a mortificação como algo negativo e pertencente só ao meio clérigo, monacal, religioso, portanto ausente e não aplicável à vida ordinária. Opinião equivocada, pois encontramos na vida ordinária casos que exemplificam, de algum modo, o que seria a mortificação como virtude na vida religiosa: por exemplo, no esporte, quando os atletas se absterem de muitas coisas boas e lícitas para a conquista de um bem maior como, por exemplo, a vitória, não temos dúvida de que se trate de algum sacrifício. O mesmo ocorre com a vida de quem vive em estado religioso, pois procura abster-se de bens materiais, lícitos e justos em razão de um bem muito maior: Deus, que lhe supõe alguns sacrifícios. Só que este sacrifício, neste último caso, recebe o nome de mortificação, que é dentre os sacrifícios que o homem pode fazer um dos mais nobres. Cabe ainda ressaltar que a mortificação não é e nem deve ser algo restrito aos que procuram a vida religiosa, senão que deve ser algo comum a todos os homens, visto que, em diversas situações da vida ordinária, costumadamente, vivenciamos circunstâncias em que tendo em vista um bem maior, privamo-nos de outros e se isso se orienta livre e intencionalmente para Deus, em consciência, com orientação de um religioso, padre e virtude, trata-se de mortificação. Assim pois, atestamos vários sacrifícios da vida ordinária que transcenderiam facilmente para uma mortificação se fossem feitas com aquela orientação para Deus e com aqueles outros requisitos. Por exemplo, no caso da vida esportiva, para passar numa prova, para conseguir um emprego, para tratar ou curar alguma doença, tudo supõe privar-se de algum bem lícito, mas cuja privação aponta para um bem maior, seja a vitória, a boa nota, o emprego a cura e apontaria para um bem maior ainda se tudo isso fosse livre e intencionalmente oferecido como um sacrifício por amor a Deus. Não obstante, não convém aplicar o nome da virtude da mortificação no caso daqueles que, por ignorância, acabam privando-se do que lhes são verdadeiramente nobre e necessário, para

realizar ou tendo em vista a conquistar bens particulares, como pelo exercício, esculpir um belo corpo, na medida em que isso lhe priva de tantos bens espirituais mais nobres.

2. Mas o que é mortificação? A mortificação é um sacrifício. Mas o que é sacrifício? É a partir desta definição que se afunila e estreita-se o uso da mortificação como virtude anexa à virtude da religião. Pois bem, sacrifício quer dizer fazer algo sagrado [STh.II-II,q85,a3,ad3]. É o ato externo da religião, pelo qual se oferece a Deus coisas exteriores, valendo-se de coisas sensíveis, como sinais, para designar outras coisas, como a submissão e reverência a Deus [STh.II-II,q85,a1,c]. Só a Deus deve-se oferecer sacrifício, pois o sacrifício oferecido externamente significa o sacrifício interior e espiritual, pelo qual a alma oferece a si mesma a Deus [STh.II-II,q85,a2,c]. O sacrifício é um ato especial de virtude, porque é feito para reverenciar a Deus [STh.II-II,q85,a3,c]. Pode-se dizer que três são os bens que o homem pode oferecer em sacrifício para Deus:

a) O bem da alma, que se oferece a Deus como um sacrifício interior, pela devoção, pela oração ou por semelhantes atos interiores.

b) O bem do corpo, que é oferecido a Deus pelo martírio, pela continência ou pela abstinência. Neste caso específico temos a mortificação, ato virtuoso pelo qual se mortifica os sentidos e o corpo. São exemplos de mortificação dos sentidos: guardar a vista frente às imagens que depõem contra a fé em Cristo; guardar a escuta frente às conversas que denigrem a dignidade humana e divina; mortificar o olfato evitando os prazeres dos perfumes; mortificar a gustação, abstendo-se dos prazeres dos sabores; guardando a retidão do corpo, dando-lhe menos que o necessário, seja no alimento, no descanso e inclusive no modo como se veste.

c) O bem das coisas exteriores, que oferecemos a Deus como sacrifício diretamente, quando oferecemos coisas nossas e indiretamente, quando as damos aos outros por causa d'Ele [STh.II-II,q85,a3,ad2].

Mas só há sacrifícios, quando se faz livre e intencional a vontade de oferecer alguma ação por amor a Deus ou alguma coisa a alguém pelo amor que se tem a Deus... só assim há efetivo oferecimento. Por isso, só há mortificação quando o sacrifício é oferecido intencionalmente por amor a Deus, não que Deus dele necessite, mas quem o oferece, para o seu bem e para a participação ativa na obra salvífica de Deus, conforme a esclarecedora sentença agostiniana: Deus que te criou sem ti, não te salvará sem ti. (Serm. 169, XI; PL 38, 923). A obra de salvação exige, pois, a participação ativa do homem.